

ALCIDES PINTO

AS PONTES

1955

Irmãos PONGETTI — Editores
RIO DE JANEIRO

*Ó sólidas águas
ó sólidos ventos
ó sólidos templos
de micaxisto.*

MAS nós nunca saímos destas pontes
sem passageiro algum que não houvesse
seu triste fado passar por passatempo.
Mas nós nunca saímos destas pontes
que o rio carrega amortalhadas
como uma asa tombada de arcanjo
ou de demônio novo, ou de cains,
de iscariotes ou sardanapalos.

São as pontes correndo para leste
para oeste-ocidente, para o sul.
São as pontes correndo para a morte
como vagas de oceano fermentido
de defuntos, sereias, capricórnios.

São as pontes se amarrando como umbigos
e como umbigos estirando-se elásticas;
São as pontes com as pontas alongadas
apanhando lagartos que se estiram.
São as pontes estiradas para o estio.

São as pontes descendo a primavera
para o outono crescendo indizíveis;
são as pontes crescendo dos outonos
em seus dias pacatos e bravios;
são as pontes marchando para o ano
em estações subdivididas.

Tôdas as tristes geografias
foram traçadas destas pontes
por sob as quais escorre o rio.
O rio lento, arfando mortos,
e dóceis anjos tão dissolutos
pálidos meninos, franzinos, lédos.

Tôdas as tristes geografias
do dorso sêco das minhas pontes
foram criadas para as meninas
que nunca viram país de fogo
de Dona Benta, de Dona Ana.

De sôbre as pontes e dos cais
minhas vidas, meus destinos,
tracerei eu, quando estive,
quando fui, quando não sou,
e nem serei se não fôra
ela, a defunta inascida
de cabelos incompletos
de incesto e depravações.

Destas pontes nasce o rio
que cresce a fim de que
as pontes cresçam com êle
para o inferno — doce arcanjo
desta era, dêste tempo
de fogo, de muito fogo.

Sucumbidos nos escombros
dois sapos tocando pífanos
morreram ou se desgraçaram.
Pouco importa, se os destinos
são infortúnios diversos
de entes que não nos tocam
(mas o som é que nos falta).
Portanto, lamento a morte
dos dois sapos vagabundos,
pans do charco, pans do escombros,
das pontes dinamitadas.

Nhós-de-engenhos, mata-escravos
Sinhás-donas, as cunhatãs
forçavam a catar piolhos
depois de catar comê-los.
Que refeição gemebunda
meu Deus! mas que jeito havia
senão na banha do rosto
quente do sol derretida
com suores dos cabelos,

e dos sovacos e dos púbis,
feito farofa e paçoca
e ensopado de cera
dos ouvidos, e remelas
dos olhos expatriados,
com sal do exílio comer.

Ah, mas que tempo inseguro,
é o tempo que sob as pontes
corre o rio, corre o sangue,
e corre o milagre sem graça,
sem santa, sem fé, sem luz,
mas com a luz dos candelabros,
dos lampiões, das lanternas
dos vaga-lumes, dos olhos
do setestrela luzindo
sôbre o esqueleto das pontes.

Escravos canções tão afras
liberais, livres, libelos;
insurgentes, insurretos,
balaçadas, farroupilhas,
praieiras, praias, prainhas;
ó "bentevis", ó "cabanos",
ó preto Cosme, ó "balaços",
ó sabinadas baianas,
Raimundo Gomes, ó gigante.

Andradas, Feijó, Rebouças.
Nem poemas sôbre a areia
que a vaga do mar não apaga.
Ó Anchieta! Ó Nóbrega!
Catequistas, catequeses,
todavia cataguases.

O vento levando as pontes
vento forte, vento nau,
vento de chuva e de fogo
vento do leste e da nau,
vento do corpo e do sangue
vento oeste, vendaval.

Vento gelando a espinha
nos longes dos recifais;
vento norte, vento sul,
vento outrora liberal;
vento que sopra da cúpula
de antiga catedral.

Vento do *Diário Novo*
dos praieiros liberais;
vento que sopra nas pontes
e esfria as pontes e o sal.

Cobras grandes curvando-se de cio
são as pontes crescendo nas corcovas,

são os arcos dobrados sôbre os rios
podres de tanta noite e tanta aurora;
são as pontes com touros enfezados
atirando aos céus os seus estêrcos;
são as pontes engolindo outras pontes
como meadas de um só novêlo.

As pontes se quedaram para as ruas,
as ruas se quedaram para as pontes,
e elas se entrosaram nas artérias
como plásticos adesivos perfurantes;
como as deliquescências, as excrescências,
das matérias paridas de relance.
Ó, que parindo mulheres nas alcovas
estão parindo no solo destas pontes.

No destino das pontes só quem vive
são os pálidos meninos assombrados,
que transidos de frio, roxos de frio,
em seu cimento frio se agasalham,
como peixes tão brancos, de tão frio
na vivência das folhas incubados.

Ó nau subdividida
em seis paus, em seis castelos.
onde donzelas encantadas,

de seios desnaturados,
mostram pombos nas janelas.

Um bailarino doido rodopiã nas pontes.
Sob e sôbre as pontes. Ó bailarino
de saltos invioláveis e insolúveis
como morto enigma ainda a arder
em chama extinta de fogo abrasador.

Ó, teu esqueleto apenas antevejo
como uma sombra escancha sôbre as pontes
crescendo pelo chão desmensurada
como pêndulo de um sino extravagante
caído do infinito para o mar.

Ó, és tu, bela caveira, que ainda adoro
e pranteio em meus pés e recrio em meus sonhos;
que adôrno teu ventre de cinzas me oferece,
contudo, és tu ainda, mesmo depois de morta.

Ó, teu rosto esquelido é um esquadro
de cujo triângulo partem as três pontas das pontes.
Ó, amargo silêncio de tua sombra, espera-me;
a teu encontro irei como se fôsse
colhêr flores virgens para o túmulo
de delgada infanta morta e sorridente.

Agora, mais que nunca, és sombra líquida
como soturno poema triste e só,
à espera de quem o leia, de quem o
toque com o silêncio dos olhos e da bôca
e dos rotundos dedos apodrecidos
de se esbaterem sob o céu das pontes.
Ó afogados do rio, ó encharcados,
— o rio sob as pontes já não corre —
há muito que parou estagnado.

Os enterros trafegam pelas pontes
que vão aos cemitérios e vão além;
mas não chegam a tocar os horizontes,
ultrapassam-no talvez, talvez aquém,
porque estão além dos horizontes
os cemitérios de todos e ninguém.

Pelas pontes passam todos
mesmo os que nunca passaram;
êstes, sim, estão tão longe,
tão longe que não chegaram;
passarão depois de mortos
enterros sempre atrasados.
Os que passaram com vida
foram os mesmos que faltaram.
Ó, passar por sôbre as pontes
é fado curto e fadado.

Trouxas de baratas, percevejos
e morcêgos e piolhos sôbre as pontes:
bichos novos e velhos, bichos feios,
acuados nos cantos dessas pontes,
e muita gente morta pelo meio
da bicharada à tôa delirante,
e muita chuva caindo, e lamaceiro
e muito lacrau e serpe espavorantes,
e muito piados pios agoureiros
disfarçados em gaitas de dançantes.
E no meio desta orgia pestilenta
muita pulga saltando pelo cio,
muito rato correndo contra o vento,
muito vento açoitando contra o rio.

É a fôrça da gravidade, os elementos
físicos, que as costas me golpeiam.
E essa oscilação térmica dos mares
e êsse intemperismo e essas rochas
que se dilatam, que se rompem, e enfim
formam essas vísceras obscenas
que me dilatam o estômago e criam gases.

Em vão me fujo desta geografia
para em ti buscar refúgio, ó meu poema,
tão triste como os climas de mim mesmo
que sou de outros países, outras paragens.
Ó “foehn” desta ampla latitude
em meus cabelos doidos açoitai.

Em vão explodem meus cinco sentidos
como uma estrêla de metal sôbre meu sexo,
incendiando o escuro dêste ventre
profundo como o mar, misterioso
como um búzio rolado dos meus olhos.

Pelas pontes é que passam os amuletos
os aleijados do sexo, os tarados;
pelas pontes é que passam os malassombros
e fantasmas de doidos amputados,
e espectros de dementes com figuras
de navios na pele tatuados.

Nas pontes só se instalam bichos feios
esquizofrênicos, tristes, amputados:
bichos de sete-cabeças e sete lados
e três faces, três membros, três cabelos.

Bichos que não se viu nem no passado
mais remoto das eras, nem no meio
da pedra mais lascada, nem no presente
do tempo fora do tempo que não veio.

Bichos que sob as fôrças constelares
sob o destino dos signos e minguentes;
bichos que andam nas pontes mais calados
que as pisadas num charco dum gigante.

Bichos estéreis que nunca cio e sexo
tiveram para o céu — fêmeas sem machos —
que nunca hão de parir nem impropérios
por terem os longos úteros consagrados.

Êstes, sim, são os bichos indicados
por Cristo, Maomé, Buda e Lutero;
por serem bichos calmos, bichos grandes,
bichos de solidão de cemitérios.

Bichos (que) de mamar de cara a cara
têm chifres no sobrôlho e no semblante;
patas mais recôncavas que uma foice,
um focinho de porco, de elefante,
Êstes, sim, são bichos, e bichos doidos
que sapateiam e mijam sôbre as pontes.

Tôda a exalação, todos os gases,
todo o veneno e estêrco fumegantes
pelo ânus soltado ou pelo ouvido
dão aos bichos um perfume extasiante.

E os micro-organismos saltitantes
tão nocivos à pele dos sovacos,
são para os olhos dos bichos todo orvalho,
todo pólen e flor, todo conforto.

Todo nosso fósforo e nitrogênio
vieram destas pontes fecundíssimas;
todos os ácidos orgânicos viridentes
nestas pontes ficaram impregnados.

Ó, homens, sois uma paisagem geográfica
situado que estiverdes sôbre as pontes,
à margem das vertentes e do mundo,
à margem de mim mesmo que sou ponte
por onde passaram Heródoto, Jean Brunhes,
Humboldt, Ritter, Hegel, Anacreonte.

Porque eu sou eu mesmo em qualquer ponto
seqüência, ângulo, tangente, hemisfério:
mesmo depois de morto sou eu mesmo
revertido no carbono destas pontes.

Ainda sou eu no cálcio dêste rio,
nitrogênio no caule destas plantas.
Ainda sou eu no urânio dêste sol,
e à noite nas sombras destas pontes,
ainda sou eu a sombra destas sombras.

Só não sou eu se as pontes dêste rio
carregasse-as o vento do outono.
Aí eu não seria (se eu não fôsse)
o próprio vento as pontes conduzindo.

Vós só sereis vós se não me fôrdes
invejado o poema e o amor às pontes
pois, que a vós todos querendo não os conheço
por só a mim conhecer — ponte das pontes.

Dentro de mim há dez bilhões de vermes
que se alimentam dos sais dos sais das pontes,
e outro tanto dos sais dos que conseguem
alimentar-se dos sais (ó sais queimantes!).

Ah, todos os que possuem os olhos avessos
e as orelhas abaixo do pescoço,
vão nas pontes tosá-las, revirá-los,
vão nas pontes espremer os seus caroços.

Os que andam com os pés e as mãos truncados
e no lugar dos testículos traz o rosto,
êstes sim, são das pontes os antípodas
comedores de cal, de pedra e osso.

E os habitantes dos antros, — os gelados
de lôdo, sombra e hera, musgo e ostra
vão nas pontes esquentar o quengo calvo
recoberto de vespas e bezouros.

Os que nunca nasceram, os enjeitados
que os padraustos comeram-lhes o pescoço,
êstes estão nas pontes consagrados
como heróis sem tutela e sem miolo.

Ó, são estas pontes que me matam
neste rio mitológico e metafórico;
ó, são estas pontes que me arrastam
neste rio de podres transcorrências.

CONCEITO CRÍTICO

Sus poemas, logrados en el plano de un simbolismo crudo, tienen a través de su desarrollo, el enfoque particular de un mundo, dentro del cual, espíritu y materia, bien y mal, cruzan el prisma de una muy original psicología. Saliéndome del análisis que pueda significar el material filosófico de la obra, veo en ella una exquisita dosis de imaginación, una riqueza plástica en su estética literaria y esa desnudez vital, sin eufemismos, que hace del artista, un captador universal de temas y conceptos.

J. M. Fernández García

Sus "Cantos a Lucifer", es un canto a la verdad, es el reflejo de un temperamento, y alma, que sabe decir, y sin temor de detenerse a pensar a quién duele. Son cantos tristes los más, con esa belleza singular, que produce la belleza del dolor, es la crudeza de la verdad abofeteando a la falsía y la mentira, con todo su séquito de iniquidades.

Pero por sobre esas manifestaciones alámicas su libro encierra la honda filosofía de la vida, de lo intensamente vivido; filosofía a la que los cobardes temen, a decirlo y que se los digan.

Su libro tiene mucho, de texto para los descreídos y para los creyentes a la vez, porque es idealismo de libertad sin cortinas que detengan la veracidad.

Román Fontan Lemes

Gênero pouco cultivado entre nós, faltando-lhe mesmo aqui uma tradição, destacamos destes cantos o Décimo Quinto, que é, positivamente, um estado poético total, como realização e conteúdo. Agrada-nos, não por qualquer aproximação baudelaireana filiada ao título, mas pelo emprego adequado de planos e recursos surrealistas.

Maria de Lourdes Teixeira

O livro que a Pongetti acaba de editar é um poema em prosa, prosa das melhores e rivaliza com os bons versos que nos deu em páginas anteriores.

Seu nome, cercado de conceito entre os da nova geração, pela técnica no manejo do verso, tornou-se igualmente admirado pela cultura que deixa entrever nos seus escritos, adivinhado através do gosto estético que revela tudo quanto escreve, por prosa ou verso.

Leal Guimarães

Um livro que é um mundo de constelações misteriosas, cuja beleza dir-se-ia segredo arrancado à Vida mais pela sedução que ela exerce no temperamento delicadíssimo dum poeta que pelo drama quotidiano surpreendido com visão de artista. Há nestes poemas em prosa uma força de concepção de sentido lírico tão amplo e profundo que só um verdadeiro esteta conseguiria realizar com a segurança duma forma rica de símbolos.

Jorge Ramos

Alcides Pinto publica mais um livro: "Cantos de Lúcifer" e, como sempre, esse moço inteligente nos diz coisas originais, num estilo próprio. Esses dezenove cantos que compõem o volume são uma escada entre o céu e o inferno.

Há trechos (a obra é em prosa) que correspondem à mais pura poesia.

Abdias Lima

Alcides Pinto, um poeta que sabe aplicar à inspiração a justeza de uma linguagem colorida.

Geraldo de Freitas